

Ernani Mügge

pretérito
(re)visitado



Um objeto impregnado de nostalgia, um menino que embarca para uma viagem sozinho, a despedida escolar no final do ano letivo. Vislumbres de existências cotidianas, marcadas pelas cicatrizes da vivência. A simplicidade da linguagem destes contos esconde a complexidade de vidas cheias, preenchidas pelo passado e por um futuro que se esboça entre caixas de mudança e promissórias. Amor, solidão, saudade, sentimentos que, na prosa de Ernani Mügge, se transformam em uma janela para ver o outro, sentir a proximidade de vidas alheias e, simultaneamente, familiares. As histórias de *Pretérito (re)visitado* nos transportam a um mundo onde a memória e o sonho se confundem em uma narrativa tanto frágil quanto intensa, imbuída de força poética.

Leila Lehen

Doutora em Literatura Hispano-americana e Brasileira e professora de Literatura e Cultura Brasileira e Hispano-americana da University of New Mexico, Albuquerque, Estados Unidos.



Ernani Mügge nasceu em Roca Sales, RS, em 1963. É licenciado em Letras Português/Alemão (UNISINOS), mestre em Teoria da Literatura (PUCRS) e doutor em Literatura Brasileira, Portuguesa e Luso-africana (UFRGS). Atua como professor e pesquisador na Universidade Feevale, onde também realizou pós-doutorado (PNPD/CAPES), no Programa de Pós-Graduação em Processos e Manifestações Culturais. Coursou a Oficina de Criação Literária na PUCRS, ministrada pelo escritor Luiz Antonio de Assis Brasil. Participou, com quatro contos, da coletânea *Contos Oficínicos 20 + 7* (2001) e publicou duas obras individuais: *Percalços* (2000) e *Instantes* (2004).

Pretérito (re)visitado

Ernani Mügge

Pretérito (re)visitado



2017

© Ernani Mügge – 2017
ermugge@gmail.com

Editoração: Oikos

Capa: Juliana Nascimento

Revisão: Geraldo Korndörfer

Arte-final: Jair de Oliveira Carlos

Impressão: Rotermond

Editora Oikos Ltda.
Rua Paraná, 240 – B. Scharlau
93120-020 São Leopoldo/RS
Tel.: (51) 3568.2848 / 3568.7965
contato@oikoseditora.com.br
www.oikoseditora.com.br

M952p Mügge, Ernani
Pretérito (re)visitado / Ernani Mügge. – São Leopoldo:
Oikos, 2017.
78 p.; 13 x 18cm
ISBN 978-85-7843-693-3
1. Literatura brasileira – Conto. I. Título.
CDU 869.0 (81)-34

Catálogo na publicação:
Bibliotecária Eliete Mari Doncato Brasil – CRB 10/1184

Para Angelita

Sumário

A vida	9
O chaveirinho	13
Novo pacto	17
Elza	21
E daí?	27
Ausência	29
Medo	33
Expectativa	37
Estranho pedido	41
Partida	47
O adeus	51
Terceiro tempo	55
Anônimo	59
Sem nome	63
Desencontro	67
Odacir	71
A personagem	73

A vida

Que trouxesse muitas alegrias para a família, desejou a vizinha, olhos fixos no recém-nascido.

– Amém! – respondeu a mãe, agradecida. – Não é lindo? – orgulhou-se.

– É. É sim. É muito lindo! Parabéns! Vocês merecem.

Entregou à amiga um pequeno embrulho, lembrancinha dada de coração para quem acabara de chegar à vida.

– Agradecida.

A mãe abriu.

– É para o frio. Ouvi que esse inverno vai ser rigoroso.

– Obrigada, mais uma vez.

– Queria ter ido ao hospital, mas sabe como é. Não deu.

– Imagina!

Ao redor do bercinho de vime, os irmãozinhos comemoravam a chegada do pequeno. Vez por outra, um deles descumpria a ordem da mãe e tocava o indefeso.

– Como foi? – quis saber Deodete.

– Como Deus manda. Está aí – e mirou a imagem de Cristo na parede.

– Que bom! Fico feliz – sussurrou, leve sorriso nos lábios.

Ana chamou a atenção dos filhos. Fizessem menos zoeira e não encostassem no berço. Não estavam vendo que o nenê precisava de paz?

Déti concordou. Fossem brincar na rua, quem sabe!

Foram.

E o silêncio veio.

Ana, ciente do que se passava, arrastou a cadeira até bem próximo de sua cria e sussurrou uma oração.

Quando abriu os olhos, percebeu a vizinha de pé, a seu lado. Rosto marcado pela desesperança. Pela frustração. Pelo desespero. Apertou-lhe a mão e animou-a. Continuasse a acreditar. Deus é justo, Deus atende aos pedidos.

– Deus.

– Sim, Deus.

Fosse mais nova, talvez acreditasse em milagre. Mas agora? Ainda poderia? Quarenta e marido ausente? Certamente já andava com outras, mais novas, mais férteis.

– Tenha fé!

– Para alguns, o excesso, para outros, a falta.

– Você está me ofendendo!

– Estou? E não é?

– Cale-se!

Desculpou-se. Perdão, não quis. Mas era difícil. Estava enlouquecendo. Era mais que difícil, sabia. Afinal, a lei da vida quebrada.

– Seja sincera! No meu lugar, você manteria a esperança?

– Não sei. E o que será dos meus? Mal temos para três. Agora quatro. Seis ao todo. Quarto e sala. Dinheiro dia sim, dia não.

– Não desconverse!

O bebê chora.

– Alcance-me?

– Claro – e retirou o serzinho, deitando-o nos braços da mãe, não sem antes abençoá-lo com um beijo.

Precisava ir.

– Espere até terminar de amamentá-lo.

Não podia.

– Então obrigado pela visita.

– De nada.

Voltasse sempre.

Já na porta, olhou para trás e perguntou como era possível sentir tanta falta de algo que nunca se teve.

O bebê começou a mamar.

A vida.

O chaveirinho

A descoberta do chaveirinho, abandonado por quase cinco décadas entre objetos de pouco ou nenhum valor, acordou uma história que lhe trouxe, ainda pequeno ser interiorano, se não a consciência de que o mundo era grande, pelo menos a sensação de que ele ia além da casa de sua vó.

Era o mês de fevereiro, em uma manhã como outra qualquer, quando a vó chegou e só parou de beijá-lo quando ele se assustou. Aí ela encheu suas mãos de guloseimas, tantas que algumas até caíram ao chão. Depois disse que ele deveria dar um abraço no seu irmão e em seus pais, porque passaria uns dias com ela e com o vovô, de férias. Então alguém que ainda não vai

à escola também tem férias? Pelo jeito, sim. Abraçou a todos, e a mãe alcançou a bolsa com suas roupas para a avó, quando já estavam no pátio.

Depois de uma semana, a vó o levou de volta para casa. Papai o sentou no colo e contou que ele e a mãe já tinham comprado seu material escolar, mesmo que ainda não fosse à escola. Ia gostar. Estava tudo no seu quarto: cadernos, lápis, borracha. Até lápis de cor. Uma beleza! Seu irmão também recebera. Muita, muita coisa.

E onde ele estava? Onde estava o mano? Saltou do colo e correu para os quartos, para o pátio. Não o encontrou.

Depois voltou à casa. Vovó e mamãe choravam. Papai disse que ele tinha ido para longe, para bem longe. Que era melhor para ele.

– De ônibus?

– Sim, de ônibus.

– E ele volta?

Claro que sim. Daqui a uns dias já estaria de volta.

Esperou a primeira noite sentindo algo estranho. A segunda, abraçou com uma lágrima. Na terceira, sen-

tiu a febre da ausência. Da quarta em diante viajou no ônibus da fantasia, até que, um dia, mamãe disse que ele teria uma surpresa, que precisavam se arrumar para ir à estação.

Foi naquela primeira visita que o irmão lhe deu o chaveirinho. De um lado, tinha a imagem e o nome da escola. Do outro, um monumento.

Pendurou o presente na parede do quarto e, toda noite, antes de desligar a luz, olhava para ele e sonhava, um dia, conhecer aquele lugar que era muito mais longe que a casa da vó.

Muitos anos depois, conheceu.

Reverenciou, por longo tempo, o pequeno presente. Um dia contaria ao irmão que, quando criança, tinha pendurado naquele chaveirinho todas as chaves do mundo.

Novo pacto

Era verão e estávamos espremidos na pequena varanda que quase alcançava a calçada. Papai se divertia com Jeni, mamãe embalava Joni e eu conduzia minha caminhonete por estradas imaginárias, contorcendo-me entre obstáculos de verdade. Vez por outra, transformava o pé de um dos dois em quebra-molas, cuja passagem exigia mais força do motor, que expelia pingos de saliva.

– Tá atravessando a rua – observou papai.

– Está – mamãe concordou.

– Quem? – meti-me de curioso, e a resposta veio rápido, pelo bico do sapato de papai, em minhas costas.

Mamãe ergueu-se e cumprimentou, com voz que quase não ouvi, o recém-chegado. Estendeu-lhe a mão, e o aperto foi cúmplice. Papai manteve as duas mãos ocupadas com Jeni e foi apenas educado.

O homem calçava sapatos pretos e vestia calça tergal da mesma cor, camisa branca, com as mangas arregaçadas. Segurava um sorriso no rosto, olhando ora para Jeni, ora para Joni. Concluí que eu seria o próximo a receber atenção e abandonei meu carro no meio da estrada. Corri para os fundos, para o pequeno galpão onde papai guardava sua bicicleta e as ferramentas de trabalho, espaço que, em outras ocasiões, já me escondera.

Nenhuma voz me alcançou, o que significava que eu tomara a decisão certa. Com o lápis de carpinteiro de papai, tracei a pista de um autódromo no chão, e suas curvas foram, por longo tempo, vencidas por uma caixa de fósforos. Mas, com a fome, veio a curiosidade e, com esta, o tédio. Desta vez abandonei um fórmula um em plena pista. Da cozinha, ouvi o homem dizer algo e mamãe responder “amém”.

Quando o carro partiu, tomei coragem e fui até a varanda. Meus irmãos dormiam no chão, sobre uma coberta, e papai e mamãe estavam em silêncio. Recolhi meu carrinho, que ainda estava estacionado no mesmo lugar, catei algumas bolachas na cozinha e voltei à corrida.

À noite, na mesa de jantar, a voz de mamãe ressoou chorosa:

– Eu queria que você fosse junto à igreja, uma única vez que fosse, por você, por seus filhos. Por mim, por nosso amor.

Papai continuou em silêncio e, naquela noite, e por muitas outras, ele mesmo teve que cortar suas fatias de pão. Um dia, entretanto, mamãe tirou a faca de sua mão e lhe ofertou o velho hábito. O sorriso de ambos, ainda envergonhado, significou um novo pacto.

Elza

O motor roncou, e algumas janelas mal ajustadas trepidaram. Conferi, mais uma vez, se a carteira continuava no bolso traseiro da calça. Insegurança, sabe? Lá fora, uma voz feminina anunciou a partida do ônibus e desejou a todos boa viagem. A senhora ao meu lado, à janela, tão logo a funcionária se calou, fez o sinal da cruz. Imitei-a, mais para afugentar a ansiedade e o medo do que para pedir a proteção divina durante a viagem.

Não tardou, ela provocou minha timidez:

– Vai passear, menino?

Não, não ia, mas com um leve sorriso dei a entender que sim. E eu não era mais menino, entendeu?

O coletivo contornou a rodoviária, e a bisbilhoiteira, sob meu protesto mudo, disse que iria visitar uma tia-avó, que caíra em frente à casa e quebrara um braço. Teria que ajudá-la, talvez por meses.

E eu com isso?

– Imagina você, menino, com noventa anos quebrar um osso!

Eu não era mais menino. Que merda!

– Eu não sei o que faria – continuou. – Espero nunca passar por uma situação dessas. E você, menino, já quebrou um braço?

Não, nunca. Que chata! Não sou menino, puxa!

Abriu a bolsa e tirou balinhas de goma.

– Quer?

Não gosto! Mamãe sempre me ensinou que não se deve aceitar comida de estranhos.

Ela insistiu. Eu recusei. Ela insistiu. Eu aceitei e agradei.

– Então você vai passear, menino?

Não, não ia passear. E eu não era menino, viu?

– Você tem irmãos?

– Sim.

– Então o menino fala?

Menino uma ova. Estou perdendo a paciência!

Seguiu-se um longo silêncio. Ela adormeceu.

Como estariam minhas coisas no porta-malas? Será que a mãe não esquecerá nada? Como será na pensão? E no trabalho?

Por momentos, as certezas viraram dúvidas e as dúvidas, medos.

Ela acordou muito depois e bocejou.

– Você está tão quieto, menino!

Quietos? A senhora que estava quieta, dormindo.

– Quer um chocolate?

Minha mãe...

– Aceito. Obrigado.

Saboroso, com castanhas.

Àquela altura, longe de casa e perto do destino, as brincadeiras de outrora e meus primeiros amores se esconderam entre as dobras do medo, compondo sensações esquisitas.

– Chegaremos perto da noite – ela avisou. – Alguém vai te pegar na rodoviária, menino?

Menino?

Não, ninguém. A pensão na qual eu moraria ficava próximo à rodoviária.

– Que bom!

Tive vontade de perguntar se ela teria que pegar outro ônibus. Ou um táxi. Mas fiquei quieto.

Parada. Vinte minutos.

De volta ao ônibus, ela tirou da bolsa um saquinho de bolachas recém-compradas.

– Quer?

– Muito obrigado! Gosto.

– Eu sabia que ia gostar, menino.

Menino.

Quando chegamos à estação, descemos. O cobrador tirou nossas malas do bagageiro, e ela me deu um abraço:

– Gostei de viajar com você, menino!

Silêncio.

– Como é seu nome?

– Pedrinho.

– Prazer, sou Elza. Espero que você fique bem, menino.

– Muito obrigado! A senhora fique bem também!

Seguiu-se um abraço. Mal sabia eu que era o último de alguém que me chamaria de menino.

E daí?

Desejei sua boca.

– Não vai dar certo.

– Vai dar sim.

– Não.

– Sim, vamos tentar.

– Não quero sofrer.

– Também não.

Puxo-a pela mão e a surpreendo. O beijo demorou-se, como as despedidas não desejadas. Não teve soluço, não teve choro. Teve sofreguidão.

– Venha comigo.

– Não posso.

– Pode.

– Não posso.

Não podia. Só tinha mãe e era doente.

– Você sabe que não posso.

– Sei, mas não aceito.

– Aceite. É melhor.

– Não consigo.

Beijamo-nos. De novo. Novamente. Mais uma vez.

– Fique você.

– Não posso.

– Pode.

Não podia. Seis à mesa, um no colo e pouco dinheiro. Precisava trabalhar. Ter salário fixo no final do mês. A roça minguava.

– Por que logo você?

– Sou o mais velho.

– Vai terminar, eu sei. É longe.

– Te amo.

– Te amarei sempre.

– Vá.

– Venha.

Não podiam. Por que a vida era assim? Por quê?

Ele foi. Ela ficou.

E daí?

Ausência

Entramos com alvoroço na sala. Era final de ano, e a certeza de sucesso no resultado refletia-se na intensidade da balbúrdia. O professor entrou logo depois, lançou sua bolsa de couro sobre a mesa e nos cumprimentou, como sempre. Será que foi como sempre? Talvez não. Anos depois, ao relembrar a aula também em seus detalhes, tive a impressão de ter notado algo mais do que um carinho de chegada naquele bom-dia – a brandura de um adeus, quem sabe. Mas esse sentimento pode ter sido um capricho da memória. Não há como saber, agora.

– Então estão com o pé no último ano? – brincou, depois da saudação.

– Sim, querido professor! – respondemos, em coro, a plenos pulmões, como fazíamos sempre quando ele nos dava a oportunidade para um gracejo.

Sabíamos que, naquele momento, ele esperava exatamente essa reação de nós. Nos dois anos de convivência, o professor Jorge nos cativara com seu jeito espirituoso – e, em especial, com sua persistência em nos fazer elaborar perguntas sobre tudo o que líamos ou comentávamos em aula. Perguntar é desassossegar as certezas, e aventurar-se a buscar respostas para as questões do outro lado do muro é um privilégio para poucos, ouço-o dizer ainda hoje. Um dia vocês compreenderão o que digo, apostava, e aí se lembrarão deste mestre.

Pouco ou nada sabíamos de sua vida fora da escola, a não ser que ele vinha de ônibus, o que, convenhamos, era nada, pois outros tantos professores também utilizavam coletivos. Um dia, um aluno perguntou algo sobre sua vida particular, que não me recordo o que era, e ele se esquivou: estávamos em aula, de maneira que não poderia falar de si. Aceitamos o argumento.

Naquele último dia de aula, porém, depois de nossa efusiva resposta, ele abriu uma exceção: organizou-nos em círculo e conversou sobre sonhos, frustrações, medos, angústias. Ao final, abraçou-nos, um a um, com a singeleza de quem vai sentir saudades.

– Pedro – cochichou-me ao ouvido.

Só Pedro. Só meu nome. Uma reverência, compreendi depois.

Pegou a bolsa, pendurou-a no ombro e saiu.

– Até o próximo ano – bradou, já no corredor.

– Até – respondemos, de pé.

No ano seguinte, ele não veio.

Ausência.

Em dezembro daquele ano, também nós fomos embora.

Mestre e discípulos, dispersos na vida.

Não faz muito, andando pela Andradas, vi um sujeito à minha frente, alto, magro, cabelos desalinha-dos, bolsa de couro a tiracolo. De bengala? Segui-o. Ele diminuiu o passo. Eu também. Ele dobrou. Eu tam-bém. Ele pegou um táxi. Eu segui meu caminho.

Medo

Quando a mulher abriu a porta do velho *Faço frete* e pisou o chão, percebeu que, finalmente, conseguira seduzir a felicidade. A casa estava ali, diante dela. Ainda inacabada, sabia, mas reluzente, majestosa sem cor.

O marido desceu em seguida e abraçou-a por trás. Não era linda? Era. Era linda. Como a gente sonhou. E vai ficar ainda mais. Imagina quando pronta, cercada, grama plantada e o cachorro solto.

– E nós dentro – ele brincou.

– O paraíso! – ela respondeu.

Ela correu para abrir a porta. Voltou para ajudar os homens a descarregar a mudança e levar as coisas para dentro. Primeiro, os objetos pesados: refrigera-

dor, fogão, pia, sofá, estante, prateleira. Tudo para o seu devido lugar. Depois, as cadeiras, a roupa, as almofadas, os travesseiros: um monte na sala.

Quando tudo estava dentro de casa, ele tirou a carteira e pagou ao motorista:

– Obrigado, seu Alfredo! Que esta tenha sido a última vez – alegrou-se, piscando para a mulher.

– É o que a gente sempre espera quando entra na própria casa, seu Odair. Sejam felizes! E se precisarem...

Acompanhou-o até o Mercedinho e ajudou a fechar a tampa da carroceria.

– Mais uma vez, muito obrigado! – agradeceu, apertando a mão do motorista, como se também ele tivesse contribuído para a realização do sonho.

A mulher o aguardava na varandinha. Companheira de quase duas décadas, nunca desistira de sonhar com a casa própria.

– Venha! Vamos arrumar logo a bagunça – ela convidou.

Arrumaram o principal. O resto fariam aos poucos, durante o feriadão. Tinham a tarde toda e mais

três dias. Mas o televisor eu vou instalar, ele decidiu. Ela concordou. Enquanto isso, arrumaria a louça e prepararia algo para comer.

– Pode ser sanduíche? – ela gritou da cozinha.

– Claro que não – ele provocou de volta.

– Safado!

Quando voltou, dez minutos depois, com refresco e uma bandeja de sanduichinhos, ele ainda estava no pátio, às voltas com a antena.

– Agora vou girar. Avisa quando estiver bom! – pediu à esposa.

– Não! Não! Quase! Passou! Aí! Aí!

– Que imagem! – encantou-se, da porta.

– Olha o que fiz pra nós – ela mostrou o que segurava.

Ele sentou no sofá e ergueu as mãos.

– Obrigado, meu Deus, por essa mulher que me deste.

Ela largou o lanche na mesa de centro e pulou no colo dele.

– Tudo tão lindo! – emocionou-se.

– É verdade – ele concordou.

– Sinto até medo, você não?

– É que você nunca morou em uma casa que não estava pronta.

– Seu bobo.

Deliciaram-se com o lanche como se fosse a refeição mais importante de suas vidas. Proprietários, esqueceram, por um momento, as promissórias.

Expectativa

Pediu licença e colheu algumas flores no pátio da vizinha. É para enfeitar a casa, Maria, explicou-se, sem disfarçar a euforia.

Ainda era cedo da tarde, e a peça alugada só reivindicava mesmo o enfeite. Tudo já estava aseado e no seu devido lugar, e Sílvia suspirava num misto de satisfação e cansaço. Correu até a pia, encheu um copo com água e mergulhou as calêndulas. Segundos depois, elas se exibiam sobre a pequena mesa retangular disposta próximo ao fogão.

– Perfeito! – gabou-se.

Lembrou-se da roupa e lançou-se ao varal. Recolheu peça por peça, dispondo-as, com cuidado, sobre o

ombro. No quarto, em cima da cama, separou-as: suas e as do marido, de um lado; as roupinhas das crianças, do outro. Deteve-se no macacão do marido. Ergueu-o, e lhe pareceu divino. Abraçou-se a ele como se ao próprio salvador agradecesse.

Distraída, só percebeu a chegada das filhas quando elas se alvoroçaram ao seu redor, suplicando atenção. Acalmem-se, insistiu, sem êxito.

– E papai, e papai? – quis saber a pequena.

Que fossem já para o banho, para ficarem bem cheirosas. Papai chegaria em seguida.

Desdobrou-se para ajudá-las em tudo, até ficarem arrumadas. Fome? Estão com fome? Só depois da surpresa. E terá uma comidinha especial.

– Por que, mamãe? – interrogou a maiorzinha.

– Hoje é um dia especial para todos nós, minhas lindas.

– Por que, mamãe? – repetiu a menina, ainda mais curiosa.

Elas saberiam em breve, quando papai chegasse.

E ele veio, carregando somente o cansaço de todos os dias.

– Recebeu?

– Sim.

– E? – ela não compreendeu o monossílabo.

As meninas pulavam ao seu redor, querendo saber da surpresa.

– E? – ela insistiu.

Agora já estava com as três no colo, irrequietas.

– Vai melhorar – murmurou para a esposa, mais frustrado que esperançoso.

– Vai – ela concordou.

Desvencilhou-se das meninas, puxou a carteira e tirou o recibo do pagamento do armazém.

– Pelo menos isso.

– Já é uma coisa. Os presentes podem esperar.

E riram-se.

Estranho pedido

Descobri meu talento para instalador durante uma de minhas caminhadas, ao cair da tarde.

Era verão, e os dias, mesmo embaixo de um ventilador de teto, eram longos, preguiçosos e grudentos. Aquele, em especial, alcançara o limiar da suportabilidade para mim, recém-chegado à cidade. A muito custo consegui me manter concentrado no meu trabalho até o entardecer, quando, por volta das dezoito horas, calcei o tênis e me fui pela avenida. Passei a trote pelo portão do colégio, pela lancheria, pelo prédio do correio e reduzi a marcha, para recuperar o fôlego. Foi quando surgiu uma mãozinha ao meu lado, pedindo que eu parasse.

– Moço, moço – chamou uma senhora, constatei logo, de idade.

Parei, a uma distância segura para o caso de uma surpresa.

Pedi desculpas por atrapalhar meu exercício. Tudo bem! Disse que estava ali, escondida atrás do portão, a uns quarenta minutos, ou até mais, à espera de alguém que fosse de confiança.

– O senhor tem uma cara de gente boa! – elogiou-me.

– É?

– Por isso lhe chamei!

– É?

– Sabe, eu preciso de um grande favor. Deus enviou o senhor, seu moço, para me ajudar.

– É?

– Venha mais perto, meu filho! Vou lhe explicar.

Comprara um televisor. Em prestação, sabe? Que eu não pensasse que ela era rica. Dez prestações. Imagine o desaforo, largaram atrás da porta e se foram.

– É mesmo, é?

– Pois eu lhe digo. O senhor trabalha em quê?

Disse-lhe o que fazia.

– Argentino, não? Seu sotaque não me engana – disse, como quem acaba de fazer uma grande descoberta.

– Não.

Acho que minha resposta não chegou a ela.

– Entre. Venha!

Abriu o portão. Hesitei. Ninguém à direita, à esquerda também não. O que faço?

Entrei.

Acompanhei-a, atento a tudo.

Empurrou a porta. Entramos.

De fato, tinha um televisor. Pelo menos uma caixa. Cutuquei-a com a ponta do pé e constatei que não estava vazia.

Ofereceu-me um cafezinho.

– Muito obrigado, senhora! Quero mesmo é ver o televisor.

– Moro com meu filho, mas ele viajou.

– Ah, sei.

– O senhor não aceita mesmo um cafezinho?

– Não. Tenho pressa. E o televisor?

– Este é meu filho – mostrou-me a foto sobre o aparador, fazendo questão que eu segurasse o porta-retratos.

Viajara no dia anterior, o coitado. Para Goiânia. Voltaria só no dia seguinte. Como poderia deixar o televisor na caixa até o dia seguinte? E talvez chegasse à noite, cansado. Talvez não tivesse vontade de instalar.

– Meu falecido – enfiou outro porta-retratos na minha mão.

Concluí que ficara viúva há tanto tempo que só restara mesmo a fotografia e uma vaga lembrança.

Apontou a caixa do televisor.

– Não chamei instalador porque é só substituir o aparelho velho – explicou-me e sumiu no quarto.

– Traga, meu filho! – ordenou, de onde estava.

Em volta, tudo normal.

Empurrei a caixa até o cômodo. Precisava de uma faca ou estilete, chave de fendas. Ela saiu e pude reparar que o quarto estava limpo e arrumado. Os móveis

eram antigos, o televisor, sobre a cômoda, ainda com tubo de imagem.

Ela trouxe uma caixa de ferramentas.

– Desculpe, eu podia ter...

– Não se preocupe, meu filho. Eu ainda aguento.

Abri a caixa, tirei o aparelho e acomodei-o, com cuidado, sobre a cama.

– O senhor é cuidadoso. Como meu filho.

Disfarcei que estava concentrado no encaixe da base.

– E bonito como ele.

Parafusei a base e troquei os aparelhos.

– Deixe o velho na sala. Alguém vai querer.

Ajeitei-o em um canto. Ao lado, a caixa do novo.

Voltei. Ela apreciava a nova aquisição.

– Bonita, não?

– A senhora escolheu bem.

Conectei os cabos. Funcionou.

Partida

Com o filho de arrasto, comprou passagem e se acomodou no banco, de frente para o box. Examinou as redondezas com o vagar de quem procura entender a vida: o trabalho da traça na camiseta do jovem, a falha no corte de cabelo da senhora, os óculos remendados do velho. No chão, uma pena de passarinho no meio de algumas migalhas de comida e meia dúzia de insetos liquidados pela lâmpada ainda acesa.

Consumido pelas noites maldormidas e arrebatado pelo ocorrido, buscava alento nas lembranças que andejavam, com nitidez, diante de seus olhos. Pouco antes de ela partir, chegara em casa e dispensara a irmã, incansável no cuidado com a cunhada.

– Você precisa descansar. Vá para casa que dou conta aqui.

Foi ao quarto e beijou a mulher, bela na dor, forte na fraqueza, corajosa na despedida.

– Oi! – saudou-a, certo de que ela podia sentir a doçura na palavra.

– Mamãe está cansada – ouviu do filhinho, ao lado. Estava. Comeu algo só para sentir o estômago cheio.

Um ônibus roncou.

Sua memória agora o levou ao altar. Reviveu os passos dela, lentos, decididos, verdadeiros, em sua direção.

– Papai, olha – chegou o menino, besouro morto na mão.

Não deu importância, e o besouro virou carrinho, traçando estrada sobre o banco, a seu lado.

Conduzida pelo pai, olhos voltados para o futuro, oferecia, aos convidados, o sorriso como gratidão pela presença.

Maldita doença.

O ronco do motor do besouro que trafegava por sua perna o fez voltar à estação.

– O ônibus já vai encostar, filho – informou, um tanto sobressaltado.

O menino não ouviu. De joelhos, alongou a viagem pelo piso encardido até o outro banco, onde duas senhoras namoravam o silêncio.

– Venha cá – ordenou, com austeridade.

As duas senhoras olharam. O menino largou o besouro, deu três passinhos em direção ao pai e parou.

– Chega mais perto – agora em tom de convite.

Atendeu.

O pai reprimiu as lágrimas e explicou que agora eram só os dois. Quis dizer mais, mas o filho já estava de novo entretido com o animalzinho.

O coletivo encostou.

Subiram. O pai, com as lembranças que chegavam em retalhos. O filho, com uma ausência não assimilada e um besouro na mão.

– E mamãe? – quis saber.

– Olha lá – apontou pela janela, para cima.

Então chorou.

O adeus

Meu Deus, que não venha de novo implorar.

Ele apareceu à porta, encharcado de suor e chuva, mala em uma mão, pacotes na outra, cinismo na cara.

Meu Deus, que não venha outra vez me pedir perdão.

– Boa noite, posso entrar?

Tal qual das outras vezes.

– Você me perdoa, meu amor?

Como se isso fosse possível.

– Eu errei, mas não vou te decepcionar mais.

Como?

– Boa noite!

– Safado sem-vergonha, você. Não percebe o ridículo?

– Boa noite! Posso entrar?

– Aqui você não entra mais, seu, seu, seu dissimulado. Traidor.

Ela ficou calada. Ele esperou.

– Vai deixar ou não?

– Papai, papai – as crianças em suas pernas.

Abaixou. Abraçou. Beijou. Presenteou.

– Olhem só o que papai trouxe desta vez.

– Oba, oba – Mileni e Cileni em coro.

– Oba, oba – repetiram ao descobrir o que era.

Bonequinhas de promoção. Ridículo!

Calada. Rancorosa.

As meninas foram brincar, e ele, na espera, agora de pé.

– Voltou? – ela, finalmente perguntou, duas mãos na cintura.

– Preciso...

– Escuta aqui, seu ordinário. Você faça meia volta e não se pavoneie mais por aqui.

– Boa noite! – apareceu a sogra, sorriso estudado.

– Como vai a senhora, minha querida?

– Vou bem, mas acho que você está encrencado.

– Posso? – apontou para o interior da casa.

A mulher abriu os braços.

– Daqui não passa.

Mãe atrás, marido à frente.

– Você não tem vergonha, não? – xingou a traída.

– Só vim buscar um restinho de coisas.

– Hã?

– Umás coisas de que preciso.

– Coisas?

– Coisas.

– Muitas?

– Poucas.

– Tá bom. Entre.

– Obrigado.

Foi ao quarto. Foi à garagem. Foi para os fundos.

Voltou. Mala no arrasto.

– Adeus, crianças!

Agachou-se. Abraçou-as. Beijou-as.

– Aonde você vai, papai?

– Papai volta logo.

Despediu-se da sogra. Disse adeus à ex-mulher.

Foi, carregando o consolo do recomeço em outro lugar.

Ficou o rastro molhado no chão. Por pouco tempo.

Ficou a incerteza da decisão tomada. Para sempre.

E ficaram as bonecas da promoção, nos bracinhos da candura.

Terceiro tempo

Abriu a gaveta da estante e catou baralho, caderno, caneta, saquinho plástico com moedas e sentou à mesa. Pigarreou duas vezes, embaralhou as cartas e distribuiu-as: uma à sua frente, outra ao lado, a terceira para si, uma à sua frente, outra ao lado, a terceira para si e, assim, com ritmo e vagar, até se formarem três montinhos de treze. Desatou o nó do saquinho, retirou dez moedas de cinquenta centavos, empilhou-as e empurrou a pequena torre para onde o braço mal alcançasse.

Ela chegou e recebeu o olho da impaciência. Soltou os níqueis na mesa, acomodou-se e recolheu suas cartas, não sem reparar no mau humor do companheiro.

– É pra hoje ou pra amanhã? – ouviu.

– Quente, não? – desconversou.

– Melhor que ontem.

A mulher abriu o leque e sorriu. Puxou a primeira carta. Refugou-a. A segunda serviu.

– Três – anunciou, antes de lançar o de paus. – Tomou seu remédio?

– Remédio! – desdenhou.

Ele puxou uma carta. Curinga. Enfiou-o entre um par.

– Três – sorriu matreiro, e lançou o de espadas, vingativo.

Ela não fez caso. O telefone tocou. Deitou as cartas, ergueu-se com dificuldade e foi até o aparelho, acompanhada pelos resmungos do velho. Atendeu. De quando em quando soltava uma palavra, uma exclamação. Quase ao final da conversa, largou um “ta!”, espiando o parceiro pelo canto do olho. Voltou à mesa.

– Quem era? – perguntou o velho, só para ouvi-la pronunciar o nome da filha.

Ficou sem resposta.

Continuaram o jogo. Ele bateu e recolheu o “morto”. Ela bateu e zoou.

Maldita. Tirou-lhe as cartas da mão e contou os pontos. Anotou os dela também.

– Sua vez! – apressou-a com as cartas.

Foi ao banheiro. Esqueceu de fechar a porta. O jato de urina espalhou um sem-número de sons pela casa, de acordo com a parte do vaso que atingia. Puxou a descarga e lavou as mãos.

– Estão limpas? – ela provocou, quando ele recolheu as cartas.

– Não! – ele brincou.

Riram.

Jogaram o silêncio dos cúmplices.

Ele empatou.

– Aqui, ó! – provocou, adolescente.

– Vá tomar seu remédio!

Ele foi. Depois de alguns minutos, voltou. Na mão, trazia o comprimido dela e um copo com água. Entregou na mão.

– Vou dormir! – anunciou.

Ela propôs jogar mais uma. Uma só!

– Por favor! – suplicou. – Uma, só uma, para ver quem está com mais sorte.

Negou-lhe o desejo.

Deitaram.

Ficaram por longo tempo deitados de costas, olhos abertos, fixos no teto.

– Sabe – ele disse, por fim – é bom não saber quem tem mais sorte.

– É – ela concordou.

Deram as mãos e fecharam os olhos.

Anônimo

Encosta a velha bicicleta em frente a um boteco, um pouco distante de outras que já haviam sido confiadas ao relento. Abaixa-se para prender a roda com o cadeado, mas desiste, por precaução: talvez se demorasse, e aí teria dificuldade em abri-lo.

Entra. À esquerda, alguns homens bebem e fumam, olhos fixos no minúsculo televisor preso à parede. Do outro lado, um casal se delicia com fritas e cerveja. Decide-se por uma mesa próxima aos dois e acena ao atendente, apoiado no balcão, para que lhe traga uma pinga. O pedido vem. Deixasse a garrafa. O primeiro gole rasga, o segundo alisa, o terceiro abençoa e o quarto entorpece o cansaço do dia, do mês, da vida inteira.

Do outro lado, os olhares continuam fixos nas imagens que se sucedem. Aparece um senhor sisudo e diz algo que irrita um dos homens, que se ergue e esbraveja:

– Filho da puta!

– Querem acabar com o país! – um outro vocifera.

Quem seria? O que teria dito?

Pergunta ao casal o que está acontecendo, mas não recebe atenção. Estão entretidos, trocando sussurros e algumas carícias.

Um terceiro se ergue e aumenta o volume do aparelho, gesto criticado pelo garçom, que recomenda que se acalmem. Acalmar como? Acaso estava de acordo?

Forma-se um pequeno alvoroço, interrompido por uma sirene na rua. Por instantes, o único movimento no salão é o da fumaça dos cigarros, que, impulsionada pelos ventiladores, se agita em busca de uma saída.

O casal esvazia o prato de fritas e pede outra cerveja. Vez por outra, brindam. Os homens, um a um, se despedem do atendente e vão embora.

Ele também resolve ir. Paga a conta e alcança, com dificuldade, a rua. Está deserta. Percebe que sobrou uma única bicicleta: a sua. Sobe. Depois de algumas pedaladas, desaparece na escuridão. Um vulto em desalinho, segue indiferente.

Sem nome

Chegou em uma sexta, guiado por uma jovem que nos atiçou o pouco de desejo que restava em nossos corpos. Lembro bem, até porque não faz tanto tempo: jogávamos baralho em frente à casa quando vieram. Ela desceu do carro, deu a volta, abriu a porta do caroneiro e tirou o velho. Depois, apanhou uma bolsa no porta-malas.

Passaram por nós sem olhar para o lado, ele engançado no braço dela. Soubemos logo, pela boca de alguns bisbilhoteiros, que se tratava de um novo hóspede e que ficaria no quarto doze.

Doze? Ah, sim, doze.

Na nossa idade, teimamos em esquecer as coisas. Uma cama do quarto doze tinha sido desocupada na semana anterior: seu Líbio, que Deus o tenha.

– Bati.

– Bateu?

– Bati.

– Safado sem-vergonha!

Minutos depois, apareceram à porta, ao nosso lado. Ela, decote vistoso. Ele, impassível.

Despediram-se. Não pude ver direito, mas tive a impressão de que ele deu algo a ela, muito discretamente. Talvez um envelope, quem sabe algumas notas. Também pode ter sido uma fotografia. Ela disfarçou.

Foi, e nossos olhos a acompanharam. Ele fez o mesmo.

Neta? Talvez.

Ele se aproximou de nós, que, nesse momento, já tínhamos voltado ao jogo. Puxou uma cadeira e sentou-se ao nosso lado, assim, como quem não quer nada.

– Gostaram? – perguntou-nos, acompanhando com o olhar o carro que já acelerava no asfalto.

– Bonita ela! – elogiei, tentando disfarçar parte de meu entusiasmo.

– Tarado! – retrucou.

Caímos na gargalhada. Ele, inclusive.

– É sua o quê? – arriscou-se Oscar.

– O que te interessa? – resmungou.

– Desculpa!

– Namorada – respondeu, com certo desdém.

Acreditamos. Ele tinha senso de humor.

Ameaçou levantar e o detive pelo braço.

– Sou João, João Mário. Este é Oscar e aquele é o Carlos.

– E se não fosse?

– Como assim?

– Se o nome de vocês fosse outro?

– Aí não seríamos nós – disse Oscar, meio temeroso, meio irônico.

Ficou quieto.

Chamaram-nos para a meditação, que ocorria sempre às sextas. Ele ficou. Meia hora depois, quando voltamos ao nosso lugar, permanecia na mesma cadeira.

– E aí? Rezaram muito? – gracejou.

Não respondemos, e ele também se calou.

Distribuí as cartas. Ele esperou um pouco, foi buscar um livro, puxou a cadeira e sentou alguns metros adiante, à sombra do cinamomo. Leu por longo tempo. Reparei que vez por outra ele suspendia a leitura, ora para observar alguns pássaros que se alimentavam em volta, ora para acompanhar algum carro que passava em alta velocidade pelo asfalto.

Por algumas semanas, ele seguiu a mesma rotina. Tentamos, em vão, atraí-lo para nosso grupo. Depois, desistimos. Um dia ele se foi e continuou sem nome.

Desencontro

Aproximei-me a passos curtos. Ele lavava o carro, em frente à casa.

– É melhor você dar meia-volta – resmungou, sem me dirigir o olhar.

A alguns metros de distância, parei. Pego de surpresa, emudeci. Então ele tinha visto minha aproximação? Mais do que isso, tinha me reconhecido. Logo a mim, que guardava poucos traços do jovem idealista que com ele erguera sonhos, no distante ano de 1975.

A viagem, de ônibus, durara dois dias e meio, pouco diante dos mais de trinta anos que sonhara com aquele momento. Muitas e muitas vezes encenara, em

casa, na rua, até mesmo no trabalho, as primeiras palavras, as frases que acabariam com aquele tormento.

– Eu vim para...

– Perdeu a viagem.

– Por favor!

– Vá!

– Suplico.

– Vá!

Só queria dois minutos, tempo para dizer que sentia muito, que não queria ter feito aquilo, que estava arrependido. Que...

Jogou a esponja e a mangueira ao chão e deu a volta no carro, de maneira que pude vê-lo, pela primeira vez, por inteiro.

Dei dois passos à frente. Olho no olho, procurei nele, por instantes, algo que me fizesse acreditar que é possível voltar no tempo para reconstruir uma história.

Uma voz feminina se fez ouvir na casa. Como se estivesse em sofrimento.

Gritou que já iria. Aguardasse um pouco, estava conversando com um amigo.

Amigo?

Era muito mais que amizade. Um laço invisível e, por isso, misterioso nos uniu desde que nos conhecemos, ainda crianças, mas se rompeu naquele entardecer de abril de 1975.

Eu deveria esquecer. Agora as palavras vinham quase serenas. Esquecer? Sim, esquecer. Éramos muitos jovens, muito. E a juventude, muitas vezes, pula corda, não é mesmo?

– Convida seu amigo! – novamente a voz enfraquecida.

– Já vou. Só um minuto.

De alguma maneira, ele ainda estava ali, mesmo que não quisesse. Ele estava.

– Por que você veio? Será que já não passou tempo demais?

Por quê? Porque simplesmente não consigo afastar a culpa. Porque não tive coragem de vir antes.

Disse-me que precisava entrar. A esposa. Quando se virou, imaginei, sob sua camiseta, a cicatriz que lhe causara.

No ônibus, tive duas certezas. Uma delas, que aquela voz feminina me era familiar.

Odacir

Odacir dormiu na palha.

Odacir cresceu e se aventurou no mundo.

Um dia, Odacir voltou e registrou fazenda.

Virou seu Odacir.

Seu Odacir carece de peão? Seu Odacir carece de empregada?

Seu Odacir aumentou a criação e rasgou os limites.

Ganância de seu Odacir cresceu. Desrespeito encompridou.

Com sede, seu Odacir foi ao boteco.

– Levantem, que é seu Odacir – ordenou o proprietário.

Todos saudaram, menos um.

– Como vai, Odacir?

Odacir reconheceu a voz e não olhou.

– Como vai, Odacir? – repetiu o roubado.

Odacir cuspiu.

– Chegou sua hora, desgraçado – gritou o infeliz.

Todos buscaram um canto.

– Lute como homem – provocou o desafeto.

Odacir desdenhou.

– Tome uma cachaça – ofereceu.

Não aceitou.

– Tome! É por minha conta – insistiu.

– Esta é por minha – avançou o inimigo.

Odacir caiu, faca entre as costelas.

– E esta por minha mulher – cravou mais uma.

No túmulo, apenas Odacir. Odacir e o sobrenome.

A personagem

Domingo, início da tarde, vencia o passeio malculado da rua São Carlos, em direção à parada de ônibus. Na mão, o radinho de pilhas, ligado. Informações chegavam, em tom de pré-jogo: “já é possível ver alguns torcedores chegando ao estádio”; “o técnico ainda não revelou a escalação – é possível que tenhamos surpresas”; “a previsão é de muita chuva na hora do jogo”.

Acelerei o passo. Ainda bem que a rua estava quase vazia e eu podia correr. Era bom chegar cedo, para evitar o tumulto. Final de campeonato tinha que ser assim.

– Vai dar zebra – alguém gritou, do outro lado da rua, sem que me fizesse parar. – Vai perder – refor-

çou, mais alto, instantes depois. Era comigo. Como assim? Mau agouro? Aí também não. Parei.

De longe, apenas um borrão à sombra do muro. Aproximei-me, armado para fazer o infeliz ruminar o desatino.

– O que você disse? – enfrentei a voz, sobranceiro, ainda a alguns metros de distância.

Três passos adiante, o infeliz se delineou. Triste figura! Arrependi-me do tom agressivo.

– Bonita sua camisa – elogiou, imóvel, sentado no chão, sobre um pano, costas no muro.

Concordei, claro.

– Vesti muitas, de vários times. Daqui e do exterior. Bonitas como a tua – confidenciou-me, rápido.

Sem conseguir imaginar seu antigo porte atlético, apenas fiz de conta que acreditava.

– *Hablas español?* – perguntou, e sem esperar resposta: – Joguei na Espanha. Sim, na Espanha – entusiasmou-se. – Time grande, só grande.

– É mesmo, é?

Só aí reparei nas medalhas que ostentava no peito. Ele deve ter percebido.

– Esta é de lá – apontou para uma delas.

Contou que a final fora inesquecível. Estádio lotado. Jogara tanto que a torcida levantou e gritou seu nome, em uníssono. Recordou lances, detalhes do jogo de maneira tão convincente que eu teria acreditado mesmo que não tivesse visto a medalha.

– Qual é teu nome? – arrisquei, na esperança de ouvir um nome já pronunciado em casa por meu avô ou meu pai, fanáticos por futebol.

Eu não lembraria, irritou-se. Nem tinha nascido. E também não interessava. Que importância tinha um nome?

Sei lá.

– Sabes que marquei o melhor? O mito? O rei? O deus? Marquei sim, acredite! – voltou a inflamar-se.

– Moras aqui? – tentei.

Outra pergunta idiota.

Decepcionado, reconheci que não tinha controle da situação. O que me mantinha ali? Precisava ir e não conseguia.

Apontou para um sobrado próximo, do outro lado, a uns cinquenta metros e pediu, com um gesto, que

sentasse a seu lado. Recolheu alguns trapos e um copo plástico e os expôs à sua frente, para que também eu pudesse me acomodar sobre o pano que dava conforto a suas nádegas. Não tive como recusar a generosidade.

E minha pressa?

Agora fixou o olhar no sobrado e lançou-se em um silêncio que não me encorajei romper. Fez aparecer uma garrafa de cachaça, até então escondida, encheu o copo pela metade e me ofereceu sem convicção. Recusei. Bebeu goles espaçados e melancólicos. Por onde andaria? Pelos campos da desilusão?

– Vês? – finalmente acordou, sem dar a pista a que se referia.

Sim. Tudo.

– Vês aquele sobrado? – apontou.

Ah, sim. Sim, claro. O sobrado. O de cor verde, logo ali. E aí? O que tem ele?

Sorveu outro gole.

– Há algo de estranho nele, não achas?

Acho. Não, não acho não. Claro que não. É normal, como outros.

Ofereceu-me a bebida. Não, não quero e está na hora de eu ir.

– Acho. Acho estranho sim – concordei, impaciente, já me colocando de pé.

– Senta – ordenou.

Obedeci.

Contou-me que frequentara, algumas vezes, o sobrado. Isso há muitos anos. Era jovem ainda. Famoso. Muito famoso.

– A filha da proprietária, sabe? – fitou-me, sério.

Queria vê-la. Por isso tinha vindo. Caminhara semanas, meses talvez. Como ela estaria? Será que a reconheceria? E ela? Mantivera-o vivo na lembrança?

– Tu achas que ela mudou muito? – quis saber. – Eu acho que não. Com certeza não – ele mesmo respondeu. – Um dia bela, sempre bela.

Então era isso?

Concordei. Sim, sempre bela. E me lancei rumo à parada de ônibus.

– Vai perder – ouvi, atrás de mim.

Não olhei.

Quando retornei, ao escurecer, para casa, sua imagem se recompôs: corpo em esqueleto, recoberto apenas por regata e bermuda, ambas puídas; meias pretas, rasgadas, e sapatos enlameados. Completavam o traçado cabelos longos e engordurados, barba de anos e medalhas.

Na época, vi naquele ser um potencial para personagem. O tempo passou, passou, passou e ele nunca se lançou no papel. Hoje, quando finalmente tento imortalizá-lo, fico em dúvida se quem recolho do passeio público é ele, de fato. Pode ser que não. O que importa?

As histórias de *Pretérito (re)visitado* nos transportam a um mundo onde a memória e o sonho se confundem em uma narrativa tanto frágil quanto intensa, imbuída de força poética.

Leila Lehnen



ISBN 978-85-7843-693-3



9 788578 436933